

JT
Data 5/9/99 Pg 7A
Class 28

Chega ao fim a era das grandes hidrelétricas

Grupos empresariais já se articulam para construir pequenas usinas. Problemas como impacto ambiental e alto custo da obra contribuem para reforçar nova tendência

A construção de grandes usinas hidrelétricas, como principal fonte geradora de energia para o País, já é coisa do passado. Problemas como impacto ambiental e alto custo das obras, além da demora para o início do retorno financeiro, contribuem para a criação de uma tendência de mercado: a construção de pequenas usinas hidrelétricas e a instalação de termoeletricas a gás.

Segundo especialistas consultados pelo JT, grandes grupos empresariais já se articulam para construir pequenas usinas, com capacidade de até 100 megawatts. Atualmente, já existem, dentro desse novo perfil, usinas nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Ao montar uma pequena usina, as companhias têm como principal objetivo satisfazer suas próprias necessidades de consumo energético e revender o excedente no Mercado Atacadista de Energia, que começa a funcionar a partir do dia 1.º de outubro (leia abaixo).

Os especialistas acreditam

que o processo de privatização do setor, iniciado há três anos, foi fundamental para essa nova tendência. Hoje, para montar uma usina de pequeno porte, basta a empresa pedir autorização à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A agência se pronuncia sobre o impacto ambiental e a viabilidade do projeto apresentado pela empresa interessada. Se aprovado, as obras podem ser iniciadas.

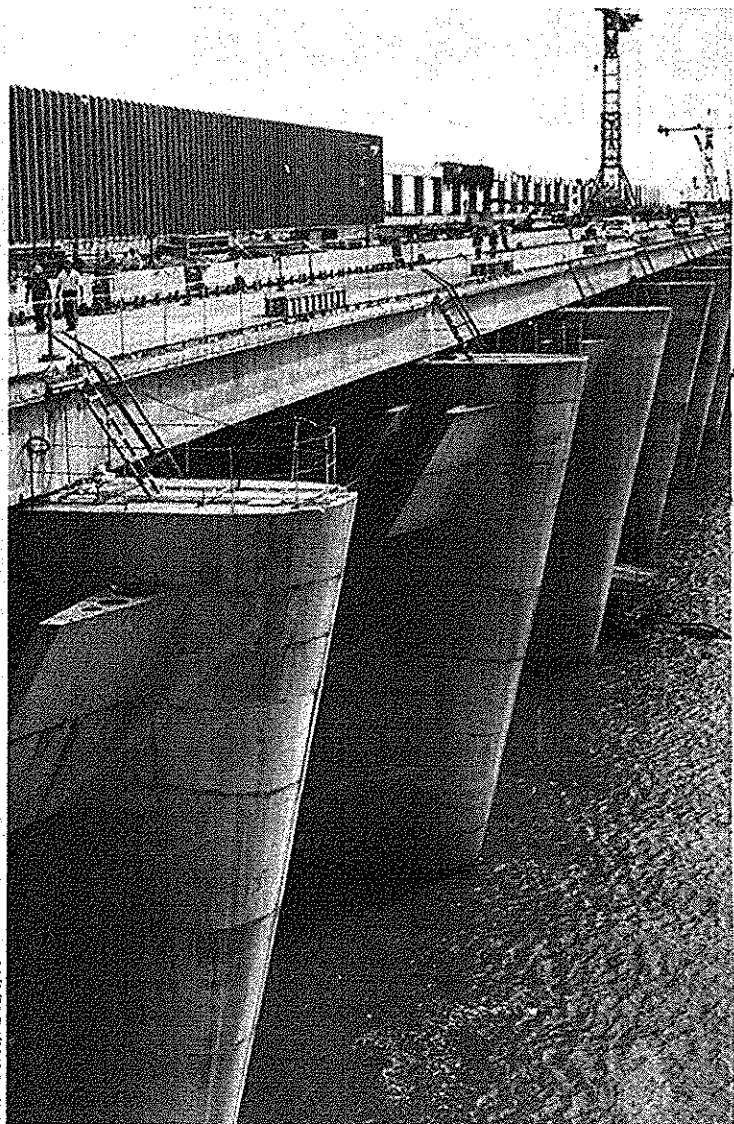
Segundo o consultor Roberto Hukai, da BVI TecnoPlan, o melhor local para se construir uma pequena usina é na cabeceira dos rios.

Risco menor

“O setor privado tende a investir nas pequenas usinas e nas termoeletricas porque o risco financeiro é bem menor e o prazo de conclusão da obra é de, no máximo, 18 a 48 meses. Uma grande usina pode demorar até dez anos para ficar pronta. O retorno financeiro vai demorar algumas décadas”, afirmou Hukai.

A Usina de Porto Primavera, por exemplo, levou 18 anos para ficar pronta e custou US\$ 9,3 bilhões – quase cinco vezes o previsto inicialmente por causa dos encargos financeiros.

Secundino Soares Filho, professor de Energia Elétrica da Unicamp, concorda com o consultor. Segundo ele, países como Argentina e Chile já estão avançados no processo de instalação de pequenas usinas. “É uma tendência mundial ir-



PORTO PRIMAVERA: 18 anos para ficar pronta e custo de US\$ 9,3 bi

reversível. Isso já foi feito há muito tempo na Europa e só agora está chegando à América Latina.”

Segundo o professor, o País precisou promover o monopólio do setor para instalar uma grande rede de energia.

“A iniciativa privada não iria fazer isso porque o retorno financeiro iria demorar muito. Agora, com a privatização e uma estrutura pronta, as empresas podem oferecer as pequenas usinas como saída para quem consome muita energia.”

O diretor do Departamento de Infra-Estrutura da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luiz Gonzaga Bertelli, também confir-

ma a nova tendência no setor. Segundo ele, as empresas já estão se organizando para buscar alternativas no fornecimento de energia.

Revenda

Bertelli também destaca que a decisão do governo de liberar a revenda da energia excedente também atrai os empresários para as pequenas usinas. “Estamos muito preocupados com o crescimento do consumo de energia. Uma das saídas é construir pequenas usinas e termoeletricas. Mas ainda é preciso criar uma política de financiamento para o setor.”

Vanderlei França